



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 3
out-dez. 2024
p. 284-289

Hermética

(Airtight)

(Hermético)

Emily A. S. Aragão¹

RESUMO: “Hermética”, como conto e produção literária, nasce de um retrato, ou de uma experiência, sobre noções de espera, relacionamentos e estruturas internas que, ao serem exploradas pela metáfora, são capazes de transmitir sentimentos por meio daquilo que os aprisiona. A narrativa toma para si caminhos não explícitos; na medida em que essa ausência de desvelo se constrói são fixados pontos de tensão, e o texto, mesmo em seu mistério, também se torna claro. O lugar de “Hermética”, ou de sua precisa tradução para o inglês, “Airtight”, habita o claustro, sufocante, de algo que não é manifesto, melhor dizendo, não manifestado, mas de forma alguma deixa de habitar um cotidiano comum, uma relação tão marcada por uma normatividade nauseante. Espera-se de “Hermética” o som abafado de um pote que fecha.

PALAVRAS-CHAVE: conto; literatura; mulher.

Abstract: “Airtight”, as both a short story and literary production, emerges from a portrait or an experience that delves into notions of waiting, relationships and internal structures. Explored through metaphor, these elements have the power to convey emotions through what confines them. The narrative takes on implicit paths, as the absence of unveiling constructs points of tension. Even in its mystery, the text becomes clear. The setting of the story, or its precise translation into English, “Airtight,” resides in the suffocating cloister of something that is not manifested, or rather, not made explicit. Nevertheless, it never fails to inhabit a commonplace, a relationship so profoundly marked by nauseating normativity. From “Airtight”, one thing that is anticipated is the muffled sound of a closing lid.

Keywords: short story; literature; woman.

Resumen: “Hermética”, como cuento y producción literaria, surge a partir de un retrato o una experiencia sobre nociones de espera, relaciones y estructuras internas que, al ser exploradas mediante la metáfora, son capaces de transmitir sentimientos a través de lo que los aprisiona. La narrativa toma caminos no explícitos, ya que la ausencia de revelación construye puntos de tensión y el texto, incluso en su misterio, también se vuelve claro. El lugar de “Hermética”, o su precisa traducción al inglés, “Airtight”, habita el claustro asfixiante de algo que no está manifestado, mejor dicho, no manifestado, pero de ninguna manera deja de habitar un cotidiano común, una relación tan marcada por una normatividad nauseabunda. Se espera de lo hermético el sonido apagado de un recipiente que se cierra.

Palabras clave: cuento; literatura; mujer.

¹ Bacharel e Mestranda em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pesquisadora na área da Estética Filosófica, com foco em Teoria da Imagens, Artes Visuais e Literatura. Email: emily.aragao.052@ufrn.edu.br.



O pote repousa sobre a mesa de jantar. Estava lá como as cortinas da janela frente à pia, o tapete abaixo dela e a toalha de plástico entre o pote e a madeira. O pote estava fechado. Como seu coração, como sua mente, e os dentes, cerrados com tanta veemência, capazes de trincar, esfarelar, como nos pesadelos que tinha. Onde os via cair, deixando para trás a almofada vazia da gengiva, marcada pelo estranho gosto de sangue velho que lembrava o solo depois da chuva. Sabia que sonhar com dentes caindo significa algo ruim, havia pesquisado para ter certeza, embora a sensação fosse o suficiente. Dentes cerrados como quem torce uma rosca, apertando até os músculos não resistirem mais, fazendo da pressão exercida uma doação genuína e inominável da força pura do corpo.

“Ele vai voltar, é claro que *vai*... não é?”

Tem olhos frios e loucos que agonizam, a pupila dilata olhando para um ponto fixo e único por tempo demais. O arrastar da cortina não deixa mentir, da estupidez das coisas que vem-e-vão. Seu cheiro, o toque do cabelo, certo movimento repetido, imperceptível, que fazia com as mãos enquanto pensava. A metáfora fraca é explícita, a cortina está presa ao varão, sua ida é uma ilusão e seu retorno é evidente. O vento é apenas a faísca de um movimento premeditado, esse vento que entra pela cozinha, sem temperatura, apenas perturbação, não deseja nada além de salientar a estupidez.

“Ele *certamente* volta.”

O pote não estava *apenas* fechado, e sim selado, resguardando tudo dentro de si num sutil movimento de vácuo. O hálito da manhã, os quilos depois dos 36, a infiel queda de cabelo; em geral, a velhice de uma mulher podia esconder-se como serpentinhas feitas inteiramente de sombras. O ambiente selado concedia às ameixas em calda dentro do pote um altar longe do mundo, onde habitavam outro clima, outro microuniverso palpável. Tal era a vida dentro dele. Um vermelho muito escuro nas ameixas, quase não roxas, refletia-se na luz de fim de tarde que entra pela janela. Essa cor fechada estava cada vez mais soturna. São vários os motivos para aplicar às frutas o método da conserva; a doçura natural é potencializada e o sabor se intensifica com o tempo. O passar das horas fazem delas as mais suculentas do mundo. Pois se, para uma conserva maturar o suficiente, é necessário que o máximo de tempo passe entre dois intervalos relativamente próximos, estavam elas mais que perfeitas, equilibradas e sutis. A espera que faz a tortura daqueles



que foram desapropriados das escolhas de si, como as ameixas, como ela. Únicas no mundo, do universo de clausura que eram transportadas a um contínuo singular do tempo. Se um champanhe é verdadeiro somente quando submetido a um processo específico e oriundo de um lugar fixo da França, tais ameixas também despertavam o gênero de exclusividade, eram o produto honesto da angústia fixada no pensamento.

“Está ficando tarde, *e se* ele não voltar?”

A tampa é que faz do pote hermético especial, o restante também preserva sua devida importância, mas a tampa coroa os aspectos necessários para o isolamento. A tampa suspende o cosmo exterior da nova ordem do núcleo interno. Seria tão mais fácil se tudo pudesse ser protegido do mundo como as ameixas são. Pode-se ouvir o barulho lento e grave do deslocamento delas, ao mover a inclinação do cilindro de um lado para o outro. Observa-se o pouco ar presente no pote ganhar lugar em partes inusitadas; fugir do líquido exaustivamente. Eles, em casa, nesta casa, eram como duas bolhas de ar submersas em um líquido espesso e presas dentro do vidro. O plano perpendicular e estático não permitia que migrassem entre fluidos e alcançassem um ao outro, unindo-se novamente. O eco fictício do barulho grave que pareciam ter as ameixas dentro do vidro, remexendo-se sobre si mesmas, densas, como uma tragédia e permanentes como o destino, esse som fantasma continuava a se repetir na mesma intensidade que o olhar tinha de fixar em pontos aleatórios, esquecendo de piscar.

“Mas *por que* ele não voltaria?”

A irritabilidade provinda da não hermeticidade dos sentimentos vem descontrolada, é grave e viscosa como ameixas rolando pelos degraus que levam à cozinha. É desagradável, escapa e escorre, fazendo-a sentir mais do mesmo conteúdo absorto migrando da mente para o coração, já que nada pode ser guardado nas gavetas novamente, pois as dele estão vazias e excluem qualquer outra presença posterior. Seu vazio é repleto e pesado, nutrido de uma qualidade autocrática, sobretudo presente nos manifestos silenciosos, como forma de lição, como quem diz que não está lá. Mas é claro que, na dispensa, há espaço para mais um pote, pois ali era o seu lugar e neles contidos todos os problemas mal resolvidos, o inventário de desejos frustrados e os sentimentos compartimentados da vida e do mundo. Existe muito mistério nesses frascos cilíndricos envoltos pela penumbra, talvez apenas porque a luz da dispensa queimou e ele não está aqui para trocá-la. Fazê-lo pegar a mesma escada de três-quartos, rotacionar o bulbo no sentido horário e penetrar o



soquete na rosca, envolta pela base branca presa ao teto. Havia algo de erótico que a fazia invejar o lugar da lâmpada, mas quando acesa servia somente para descobrir o véu cinza das conservas intocadas, sempre na eternidade da espera, às dela, às das ameixas. Parece não haver maneira mais decente de proteger os sentimentos que selá-los nesse sistema, mas porque sentir-se errada agora?

“O que fiz para *merecer* isso?”

Era fria, como o vidro, lisa, como o vidro, escorregava entre as mãos, se partia em pedaços, como o vidro. Ele nunca foi capaz de sustentar seu peso – era menos de um quilo –, e o pote com seu amor nem estava muito cheio, mas ele, ainda assim, não conseguia erguê-lo sobre a cabeça.

“Mas quem sabe, *apesar de tudo*, ele volte pela manhã”

Voltar para quem? Para o quê? Mesmo tudo em prateleiras, nada foi poupado, mesmo que preservado, nada restou senão o ressentimento. E quando começou a catalogar? Reunir essa coleção monumental de potes herméticos lotados até a tampa. Condição não ideal para a conserva, a qual deve sobrar pelo menos um dedo, ou até três centímetros, entre o conteúdo e o fecho, para que não se arrisque a expansão acidental, a contaminação pelos germes exteriores. Os afetos, antes, pareciam correr soltos; embora apavorante, essa visão não se aprofunda, mal recorda esse antes, o de não ser assim, tão fechada. A pia goteja e as ameixas choram como recém-nascidos. Sua consciência não está desperta, não está aqui, na cozinha, mas segue onde *ele* pode estar, nesse limbo indefinido, lugar indecifrável, perdida nos fatos; ele se foi e talvez não volte amanhã.

“Mas *por quê?*”

E a gota que sempre cai, a cortina que sempre volta e a pia onde se lavam os potes. Estão todos no lugar, menos ele, que desobedeceu a toda ordem depois de tudo... Tudo? Absolutamente tudo que foi realizado em seu nome, todas as escolhas de frutas que eram, no fundo, tais desejos reprimidos, e na superfície, a negação contingente de si. Já as salmouras, usadas nas conservas salgadas, vinham oriundas do mais puro choro, líquido que invade e anuvia a visão no seu nascimento de barragem rompida, eram as mais comuns, as mais bem-produzidas. Para produzir uma boa uma conserva é necessário esterilizar, filtrar, matar todas as bactérias do mundo, essa vastidão explícita, e da mente, essa retenção contínua. Encheu os vidros com o provável e o possível, das lágrimas nunca antes derramadas, e principalmente essas, retidas, trancadas, que parecem encontrar seu



fim honesto onde são depois esquecidas nas fileiras sobre a prateleira da despensa, como suas ambições, como sua intimidade.

“Mas *por quê?!*”

E por qual motivo começou a catalogar? Os comentários desde cedo, os dele, incentivaram, diziam que, talvez, algumas coisas fossem melhor aproveitadas se deixadas de lado para sempre, mesmo que não para sempre, algum tempo indefinido entre o agora e o nunca, um infinito maior que esperá-lo voltar e menor que a duração de todas as conservas. O pote não apresenta perigo algum e até aprecia vê-los de longe, sentia-se bem quando pensava estar economizando espaço dentro de si, agora esse vácuo profundo sugava o amor de seu peito, aquele que permanecia para fora sendo esmagado, processo que transformaria as ameixas em geleia. E abrir espaço para quê, afinal? Foi movida pela ação de esvaziar-se incessantemente em potes para agradá-lo, seu oco virtual nada era além do laço que mantinha seu casamento intacto. Achava que deveria persistir nessa forma, até o momento em que os olhos dele perfuraram os seus e foi expresso, naquele tom indignado, o quão esgotada ela estava, que ele pretendia experimentar elementos frescos, direto da fonte. Conservas são para velhos e bruxas e, acima de tudo, enjoam o paladar com facilidade. Embora não fosse a primeira vez que desagradados eram ditos entredentes, enfrentando um rosto inexpressivo e feminino, do qual almejava retirar uma reação inferior, de pranto e perdão, comum às mulheres, comum a ela. Porém, as lágrimas são matéria-prima para as compotas de alho, pimentão ou picles, e meu amor, você não as adora? Não vamos desperdiçá-las assim.

“Está tudo *quieto* nesse instante...”

Não houve pote hermético ou método de conserva suficientes para prevenir sua partida, desse espaço estéril e morno, artificialmente desocupado e nervosamente orientado por cilindros de vidro acumulando-se em fileiras. Havia dele exigências para o jeito de uma mulher ser o que foi destinada para ser. Incansavelmente buscou outros leitos mais quentes, já que, às vezes, não se pode alcançar tudo em uma esposa, na raiz de homens semelhantes, é suficiente justificar as ações pela existência em seu sexo, não há culpa, apenas cromossomos, não há respeito, apenas costumes. Estava tudo tão vazio, quieto e limpo. Sem as palavras alheias para impregnar as paredes, logo, não parecia existir a urgência de se desprender de algo, ou de nada. Pois nada mais se mantinha no lugar, nem seria igual a antes, então, chorou sem limites e a inundação foi certa.



“Me sinto *sozinha...*”

Mas que presença seria a de antes? Outro tipo de solidão humilhada que a fazia percorrer caminhos humilhantes, tudo para manter um homem que nunca esteve ali. Ele era feroz e imperativo como um líder de bando no reino animal. Contudo, entre nós, humanos que sabem, conseguia satisfazer-se em comandar criaturas menores que ele, mais frágeis, inseguras. Seu eu mobilizou todo o espaço e as palavras ocuparam o resto dos nichos e das repartições, nos quartos, na sala. Não havia compartimentos sem críticas suas engomadas e dobradas, repousando em ordem alfabética. Pensou que se fosse mais ativa, mais vivaz, ele não teria partido. E se fosse mais ativa, mais vivaz, ele não teria a escolhido. A angústia do tempo se acomoda e os potes oscilam sobre as pranchas de madeira, a mesa treme, a gota pinga e a toalha dança. Os potes que tilintam começam a cair, um por um. Mais que sinfonia irônica expressa pelos signos de repressão, onda plasmática, transpirando de dentro para fora uma insensatez singular. Nesse ritmo, surdo e hostil, mas de uma hostilidade selvagem, opta por levantá-las, as ameixas, até onde alcança, em plenos cotovelos esticados e palmas de dedos abertos, sustentadas pelo pulso firme tensionado os tendões do antebraço, formando a linha acima da cabeça, declarando seu abandono hermeticamente selado. Eram pesadas, feito a montanha de uma vida escusa aos próprios desejos, as ameixas aguardam em segundos contemplativos, seu vidro reluz, o vermelho atíça e assim, nesse cenário de criação e desordem, ela as derruba. Munindo-se da gravidade, que tanto a manteve em baixa, agora, sentia elevar-se sobre as nuvens da sua própria finitude. Desse novo ponto, talvez fosse possível enxergar alguma esperança, alguma autonomia. A cor do fracasso exhibe o tom misto de ameixas em conserva salpicadas por cacos de vidro e agora ela sabia, como a calda grossa que escorre formando uma poça na cozinha. Agora ela sabia que no fim há o sopro frio de quando se abre um recipiente hermeticamente fechado.

“Ele vai voltar e, quando voltar, *não estarei mais aqui.*”

